

Maria Vragova (gestão do festival)

Do ponto de vista da produção cultural, quais são os principais desafios para a realização do Artes Vertentes, levando em conta a localização da cidade de Tiradentes?

Se a riqueza do patrimônio histórico e arquitetônico de Tiradentes e o seu charme fazem do Artes Vertentes um festival singular em todo o Brasil, a realização e a produção de um evento desse porte em uma cidade do interior são um grande desafio. Vários elementos importantes para a realização de espetáculos e atividades da programação de um festival são inexistentes em Tiradentes e, dessa forma, grande parte dos equipamentos e dos materiais vem de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo. Isso começa com o piano de cauda para os concertos e o linóleo para os espetáculos de dança e termina com mínimos detalhes, porém importantes, como a plotagem das exposições – que é toda realizada em adesivo recortado. Trata-se de detalhes que fazem a diferença na excelência de um festival.

Outro grande desafio na organização do Artes Vertentes é a logística dos ensaios e dos traslados para os artistas – vários deles vêm do exterior, em diversos voos que chegam em dias diferentes. Dessa forma, um cronograma detalhado e concreto é essencial para a recepção dos participantes e o bom funcionamento da programação. Muitos dos convidados não falam português, então precisamos ter um esquema bem pensado, preparado e organizado para a recepção deles em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, assim como para os traslados até Tiradentes.

Temos também a preocupação de envolver, sempre que possível, parte da população da região na equipe de produção do festival. Temos muita sorte em contar com a ajuda e o entusiasmo de jovens estudantes da Universidade de São João del-Rei. Assim, grande parte da equipe de produção é formada por esses jovens interessados em cultura e arte e com uma ótima energia. Além de eles serem remunerados, o Artes Vertentes proporciona uma oportunidade de encontro entre estudantes – que em grande parte vêm de faculdades de teatro, artes, música e arquitetura – e artistas já estabelecidos. Vemos esse intercâmbio como algo enriquecedor e procuramos cultivar essa vertente cada vez mais. Também aprendo muito com essa parte da equipe.

Alguns serviços especializados, tais como iluminação, montagem das exposições e afinação do piano, são trazidos de outros lugares. É imprescindível ser rigoroso na qualidade desses profissionais, pois é o que faz a diferença no nível artístico da programação. Nos últimos anos, conseguimos constituir uma ótima equipe, que conta com alguns dos melhores profissionais do país. Um traço muito interessante é que eles conseguiram uma perfeita harmonia com os artistas participantes, assim como com o público e a população da cidade. De algum modo, é como se fôssemos uma grande família.

Além da Associação dos Amigos do Festival Artes Vertentes, que financia a realização do evento, quais são os outros caminhos que vocês buscam para conseguir esses aportes?

A realização das primeiras edições do Artes Vertentes só foi possível por meio do apoio e da confiança de diversos mecenas, que acreditaram na ideia trazida pelo festival e na importância da sua realização na região, pois até 2015 o evento não contava com patrocínio empresarial.

Na verdade, a Associação dos Amigos do Festival Artes Vertentes, criada em 2015, é uma forma de reunir, sob a forma de associação, todas as pessoas que desde o início acreditaram nesse evento. No entanto, essa organização tem hoje outro objetivo principal: o apoio financeiro à ação educativa do Artes Vertentes. Iniciamos essa ação na primeira edição, ainda em 2012, e desde 2013 ela virou uma ação contínua, que não se limita ao período do festival em Tiradentes, mas abrange todo o ano letivo, em uma parceria com as escolas públicas e as associações comunitárias do município.

A ação educativa se realiza sob a forma de oficinas gratuitas para a população infantil da cidade, ministradas por profissionais de cada área abrangida pelo festival, assim como por estudantes bolsistas da associação. Temos consciência de que a formação de público na região só poderá ser consolidada através de uma ação educativa de qualidade, contínua e de longo prazo. Para manter essa ação, foi criada a associação, que hoje financia a maior parte desse braço tão importante do projeto. Em 2015, conseguimos apoio de importantes patrocinadores de projetos culturais, entre os quais se destaca o Banco Itaú. Esse passo foi fundamental na história do projeto e uma ajuda de importância singular para a consolidação do festival no cenário cultural nacional.

Trabalhamos 365 dias por ano para conseguir financiar o evento e sempre com dois anos de antecedência no planejamento e na inscrição do projeto na Lei Rouanet, pois o patrocínio através dos mecanismos dessa lei é a parte que garante a manutenção do festival. Não é fácil manter esse nível de planejamento no Brasil, sobretudo na situação atual, porém isso é essencial para que cada edição passe por um processo de amadurecimento.

Desde a primeira edição do evento, contamos também com o apoio de vários parceiros, como diversas pousadas e restaurantes de Tiradentes que ofereceram hospedagem e alimentação aos artistas. Ou até mesmo pessoas físicas, que abriram as suas casas para hospedar algum convidado do festival. Isso é comum em festivais europeus, e creio que é muito positivo, pois provoca intercâmbio e enriquecimento humano, tanto para quem recebe como para quem fica hospedado em uma das charmosas residências mineiras. Cabe também ressaltar o apoio recebido de vários corpos diplomáticos para viabilizar as passagens internacionais para os artistas estrangeiros participantes. Essa ajuda das embaixadas e dos consulados mostra como o Artes Vertentes conseguiu conquistar realmente um reconhecimento internacional entre os festivais do país.

Em relação à discussão sobre a alteração da Lei Rouanet, como você percebe o financiamento da cultura atualmente no Brasil? Existe algum modelo ideal? Qual é o caminho?

Essa não é uma questão nada fácil, e não sei se existe uma solução ou um modelo ideal. A ideia da Lei Rouanet em si é boa, e muitos bons projetos só puderam ser criados ou aconteceram porque conseguiram captar recursos através da Lei de Incentivo à Cultura, mas estou convicta de que o cenário cultural não era mais rico no país antes da criação dessa lei. Creio que, no entanto, ela deve ser atualizada e revisada para se adaptar à realidade atual e se tornar mais dinâmica. Lastimo somente que na verdade o Ministério da Cultura [MinC], que deveria fomentar a cultura no país, passou a ser quase simplesmente um ministério controlador – e, lamentavelmente, muitas vezes através de profissionais não qualificados.

Acho que um investimento na qualificação dos funcionários do MinC e o aumento da quantidade de profissionais qualificados – parece que a falta de funcionários é um dos problemas atuais no ministério – são um dos primeiros passos para melhorias na Lei Rouanet. Creio que até hoje exista receio em relação a essa lei. Muitas empresas e pessoas físicas ainda não sabem da existência da Lei Rouanet e dos mecanismos de incentivo. Todo esse processo deve ser divulgado pelo MinC – é isso que trará transparência para a lei. Ainda hoje, muitas empresas e pessoas físicas (que também podem fazer doações para projetos culturais e deduzir o valor doado na declaração do imposto de renda) são pouco informadas e simplesmente têm medo de se envolver por não entenderem muito bem o processo. Cabe também ao ministério esse papel esclarecedor; isso não pode ser responsabilidade só dos produtores.

Como você percebe o impacto do festival na produção cultural e artística dos moradores de Tiradentes e no seu entorno? Existe algum programa de incentivo para essa produção?

Acredito e espero que o programa escolhido pela curadoria do festival, assim como o alto nível dos artistas participantes, possa gerar um grande impacto nas pessoas sensíveis à arte e à cultura. Tiradentes, além do seu rico patrimônio histórico e arquitetônico, conta com uma riqueza cultural de caráter singular. A criação artística está presente na cidade em diversas linguagens. Assim, procuramos convidar para cada edição artistas tiradentinos ou que decidiram se radicar na cidade. O marionetista Bernardo Rohrmann, a organista Elisa Freixo e o escultor Valim Branco são alguns dos artistas que vivem em Tiradentes e participaram das edições do festival Artes Vertentes.

Além disso, percebemos que vários profissionais que se encontraram pela primeira vez na cidade começaram uma colaboração artística que os levou para novos palcos. Isso é muito gratificante, pois uma das ideias do Artes Vertentes é que o festival possa se transformar em uma plataforma de encontros entre artistas de todas as partes do mundo. Recentemente, soubemos que dois alunos da Universidade Federal de Minas Gerais, que participaram de uma residência com os artistas visuais franceses François Andes e Pascal Marquilly, foram convidados para atuar em projetos na França. Ver que essas sementes estão sendo germinadas é um dos aspectos mais gratificantes do meu trabalho!